

Doutor Henrique

Uma vida dedicada à medicina e à família



QAMANI

Doutor Henrique

Uma vida dedicada à medicina e à família



*À família que guarda estas histórias
e a quem ainda vai descobri-las.*

Sumário

Ao leitor 5

Prólogo · O tempo de uma árvore 6

PARTE I · A PEDRA E O MAR 7

1 A casa que ficou dentro dele 8

2 Dezoito dias entre duas vidas 11

3 A porta do colégio 14

PARTE II · O OFÍCIO E A CASA 17

4 Aprender a cuidar, aprender a ensinar 18

5 Diante do que ainda não se sabe 21

6 Lúcia, no centro da vida 24

7 O pai que chegava pelo portão 27

PARTE III · AS CASAS DA MEMÓRIA 31

8 A estrada de Mar de las Pampas 32

9 Espanha, outra vez 35

10 O que os netos sabem 39

PARTE IV · AINDA HÁ AMANHÃ 43

11 Quando a casa mudou de tamanho 44

12 Os dias que continuam 47

Epílogo · Para quem vem depois 50

Uma vida no tempo 51

As vozes da família 52

Ao leitor

UMA VIDA NÃO cabe apenas no que uma pessoa conta de si. Ela também se conserva no filho que reconhece uma voz do outro lado da parede, na neta que associa o avô ao cheiro de jornal, no parente que ainda se lembra de uma despedida na estrada.

Este livro reúne essas perspectivas. Henrique conduz a história de sua infância espanhola, da chegada à Argentina e da medicina. Seus filhos, suas netas, seu neto, sua nora, seu tio e seu primo acrescentam cenas que ele talvez não escolhesse para se apresentar: uma mala fora do lugar, uma aula de natação, uma brincadeira repetida, uma sopa que chegava quando alguém adoecia. Lúcia atravessa essas recordações com uma presença própria, feita de trabalho, acolhimento e personalidade.

Esta demonstração adapta uma biografia criada com a Qamani a partir da História de uma família real. Henrique e seus familiares são personagens fictícios; nomes, detalhes e fotografias foram recriados. As imagens são geradas por IA.

O livro termina como convém a uma história contada em vida: com espaço para o que ainda pode acontecer.

O tempo de uma árvore

HENRIQUE QUIS SABER quanto tempo um pinheiro levava para crescer. O avô respondeu que seriam necessários trinta, talvez cinquenta anos.

O neto era ainda jovem. Havia voltado à Espanha e passava uma temporada na aldeia, acompanhando o avô no trabalho da terra. Aquele homem já tinha vivido muito. Henrique estranhou o prazo diante da idade do avô.

A resposta ficou.

“Não estou a plantar para mim.”

Décadas depois, ao contar o episódio, Henrique ainda se lembrava da explicação: as árvores eram para os que viriam. O avô trabalhava num tempo mais longo que o seu. Não precisava estar ali para que aquele trabalho fizesse sentido.

Na mesma visita, houve outro presente. Antes da partida, o avô abriu uma gaveta e lhe entregou uma edição antiga de uma antologia de poesia galega. Na lembrança de Henrique, o livro era verde. Ele atravessaria o oceano com um objeto que exigia outra forma de paciência: ler, não compreender tudo, voltar a ler.

Anos depois, haveria alunos diante de um leito, filhos escolhendo profissões e netos descobrindo seus interesses. Muitas coisas que Henrique ensinou seguiriam acontecendo fora de sua presença. Antes de poder transmiti-las, porém, ele próprio havia recebido.

A história dos pinheiros tem força porque fala também dessa dívida boa: chegar a um lugar onde alguém trabalhou antes de nós.

Para encontrar Henrique, é preciso voltar à casa de pedra.

PARTE I

A pedra e o mar

Espanha, a travessia e os anos de formação.



Henrique criança, com os pais e a irmã.

A casa que ficou dentro dele

QUANDO LHE PERGUNTAM por um lugar especial, Henrique poderia escolher vários. Há o consultório em Rosario, a casa de praia, as cidades que visitou. Ele escolhe a casa do avô na Espanha.

É para lá que diz se transportar quando fica triste ou irritado. Pode estar fisicamente longe; a lembrança o leva à ribeira e à casa. Não precisa comprar passagem para esse retorno.

“É um lugar assim, é um refúgio.”

Henrique nasceu em 1942, numa região rural próxima de Lugo. A aldeia era pequena, e as famílias se conheciam. A infância aparece cercada de parentes, terra, água e trabalho manual. A casa era de pedra. Ao recordar aquele mundo, fala dos candeeiros de azeite e de carbureto, da ausência de eletricidade e de asfalto. A distância que o separa dali não é só a do oceano: também é a distância entre modos muito diferentes de viver.

Nessa família, a carpintaria passava de uma geração à outra. O avô, o tio e o pai trabalhavam com madeira. Ao olhar para trás, Henrique resume a sequência incluindo a si próprio: também ele poderia ter sido carpinteiro. A medicina ainda não organizava o futuro.

Um dos companheiros desse começo tinha um parentesco que a idade quase desmentia. Augusto era seu tio materno, mas os dois haviam nascido muito próximos um do outro. Na vida das crianças, os títulos importavam menos que a possibilidade de brincar juntos. Sempre que podiam, procuravam a companhia um do outro.

Augusto conserva lembranças que devolvem movimento a uma infância distante. Não havia dinheiro para brinquedos comprados. As rodas dos carrinhos saíam da

cortiça e da madeira, trabalhadas à mão. O brinquedo precisava primeiro ser feito. Depois podia percorrer o chão.

As memórias não são todas solenes. Augusto conta uma zanga provocada pelos cães das duas casas. Um animal mordeu o outro, e ele ficou bravo com Henrique. Hoje reconhece que o menino não tinha culpa pelo que o cachorro fizera. A amizade sobreviveu à indignação infantil. O episódio não explica uma carreira, não antecipa um destino. Serve para devolver aos dois o direito de terem sido simplesmente meninos.



Henrique e Lucas numa visita à região da infância do avô, na Espanha.

Há também a história do professor de quem se dizia que era muito severo. Segundo Augusto, o pai de Henrique trabalhava perto da casa desse homem. Perguntado sobre quando iria à escola, o menino teria manifestado sua resistência por causa da fama de brutalidade do professor, sem perceber com quem estava falando. A formulação exata se perdeu; ficou a recordação da franqueza inconveniente do menino.

É assim que uma infância chega até o presente: não por uma filmagem contínua, mas por pedaços que os sobreviventes guardaram por razões diferentes. Henrique fala da casa e do trabalho. Augusto recupera brinquedos, cães e uma resposta inconveniente. Juntas, essas lembranças mostram uma criança inserida numa família, numa paisagem e numa comunidade, antes de qualquer título.

Mais tarde, quando os netos conhecessem aquela região, veriam também o tamanho físico de lugares que, nas histórias, pareciam enormes. Sofia se lembraria de uma casa pequena e de um jardim grande, de ouvir o avô explicar onde colhia frutas. Para ela, visitar o lugar foi encontrar uma parte dele que não se podia conhecer apenas em Rosario.

Essa casa não permaneceu importante por ter ficado intacta em cada detalhe. Permaneceu porque Henrique continuou voltando a ela. O primo Miguel Azevedo percebe isso nas viagens: mesmo quando o tempo na Espanha é curto, a passagem pela aldeia tem uma importância que não se mede pela duração da visita.

Ao falar do país onde nasceu, o médico resume: lá se sente em casa. Ao mesmo tempo, observa que os espanhóis o consideram argentino. Há uma pequena ironia nessa dupla experiência. O lugar ao qual ele retorna também aprendeu a vê-lo como alguém que veio de longe.

A casa, porém, não exige que ele resolva essa classificação. Continua disponível na memória.

Dezoito dias entre duas vidas

AUGUSTO GUARDA A partida como uma cena vista da estrada. Lembra-se do lugar da despedida e de acompanhar Henrique à distância. Depois, as notícias chegariam por carta.

Para quem ficava, a viagem começava como ausência. Para o menino que partia, começava como uma sucessão de lugares que ele ainda não conhecia.

Henrique tinha oito anos quando deixou a Espanha com a família, segundo sua própria recordação. Situa a passagem pelo porto de Vigo no fim de 1950. O menino da região de Lugo encontrou a cidade portuária antes de conhecer o oceano como caminho. A viagem marítima durou dezoito dias.

Ele se lembra de um navio italiano, de passageiros de diferentes origens e de uma escala nas ilhas Canárias. O percurso de que se lembra passa pela Espanha, a travessia, Buenos Aires e, depois, Rosario.

O menino saiu de seu pequeno mundo e passou a conviver com pessoas de muitas origens. A viagem lhe apresentou diferenças que a aldeia não continha.

A decisão dos pais buscava uma possibilidade de vida. Nas narrativas da família, aparecem o trabalho e a preocupação com o futuro do filho, inclusive com o serviço militar. Ao recordar essa decisão, os descendentes reconhecem nos pais de Henrique a disposição de procurar outra perspectiva, ainda sem saber como seria a vida do outro lado.

Na Argentina, havia parentes em Rosario e uma perspectiva de trabalho vinculada à agricultura. Henrique descreve o começo sem a facilidade que, olhando retrospectivamente uma carreira bem-sucedida, alguém poderia supor. Havia despesas da migração a pagar, pouco dinheiro e trabalho que não oferecia de imediato a vida esperada.

O pai era carpinteiro. Esse saber lhe permitiu buscar empreitadas e outras oportunidades. Mais tarde, foi trabalhar no interior de Entre Ríos, em lugares que Henrique associa a Concordia e Guaaleguaychú. A família experimentava caminhos. A chegada a Rosario não eliminou de uma vez a necessidade de mudar, tentar e ajustar.

A mãe chegou a ir a Entre Ríos para conhecer a situação. Segundo Henrique, voltou depois de oito dias. A brevidade dessa tentativa ficou na história doméstica. Ele permaneceu em Rosario, interno no colégio. O projeto de uma família não se executava numa linha reta: o trabalho do pai, as escolhas da mãe e a educação do filho precisavam encontrar algum modo de coexistir.

Eduardo, o caçula que viria a nascer na Argentina, interpreta essa parte do passado como uma herança de resistência. Para ele, a imigração raramente começa com conforto. O esforço dos avós passou ao pai e alcançou os filhos. É a leitura de alguém que não viveu a travessia, mas conviveu com suas consequências.

Entre essas consequências estava a exigência de batalhar pelo próprio caminho. Também estava a insistência em estudar. A família que não chegara com dinheiro suficiente para assegurar o futuro do menino colocou a escola no centro de suas possibilidades.

A iniciativa decisiva, nesse ponto, veio da mãe.

Ela conheceu uma opção de ensino, não se satisfez e foi procurar outra. O colégio desejado era pago. Ainda assim, conseguiu uma vaga gratuita no colégio para Henrique.

Do navio à sala de aula, a história muda de escala. A travessia havia levado



Os pais de Henrique, em retrato conservado pela família.

o menino à Argentina. A escola lhe daria meios para escolher o que fazer ali.

A porta do colégio

NA MEMÓRIA DE Henrique, a mãe não aparece apenas acompanhando a mudança de país. Ela age. Examina a escola, avalia as condições, procura o colégio e consegue que o filho estude sem pagar.

Tantos anos depois, ele ainda reconhece a importância daquela iniciativa. O filho entrou num colégio que a família não poderia simplesmente custear.

Henrique já havia começado a estudar na Espanha. Em Rosario, o colégio passou a organizar seus anos de formação escolar. Ali viveu também como interno quando o trabalho do pai o levou a Entre Ríos. A educação, para ele, esteve ligada tanto à oportunidade quanto à separação. Estudar significava abrir caminhos, mas podia significar estar longe da vida cotidiana dos pais.

Não há uma vocação médica que se manifeste pronta desde a primeira infância. A possibilidade de seguir a carpintaria fazia parte do horizonte familiar. As recordações dos filhos sobre o interesse por medicina apontam estímulos diferentes: uma conversa escolar sobre profissão, a presença de colegas ligados a famílias de médicos, uma palestra, o interesse pela mente humana. Cada um guardou um pedaço do que ouviu do pai.

A ausência de uma origem única torna a escolha mais reconhecível. Ela se formou no contato com pessoas e ideias, dentro das oportunidades que iam aparecendo. Henrique precisou estudar, prestar exames, fracassar numa tentativa e continuar procurando.

Queria fazer medicina em La Plata. A escola do bairro universitário o atraía pela tradição; a cidade também tinha uma comunidade espanhola importante. Ele se lembra de prestar uma prova num centro de exames e de ser reprovado na úl-

tima etapa. O destino que imaginara não se abriu.

De volta a Buenos Aires, encontrou a possibilidade de prestar o concurso para a faculdade de medicina, em Córdoba. Ao recordar o vestibular de 1962, conserva lembranças precisas: a concorrência pelas vagas e a alegria de encontrar seu nome entre os aprovados. São cenas de sua memória, guardadas como se a lista de classificados continuasse diante dele.

Aquele resultado não apaga o anterior. A reprovação em La Plata pertence à mesma história da aprovação em Córdoba. A trajetória do médico que depois seria procurado por alunos, colegas e familiares começou também com uma porta fechada.

Em Córdoba, o contato com a clínica foi orientando seu interesse. A infectologia se definiu no fim do curso, segundo ele. A escolha não separava a doença do raciocínio necessário para compreendê-la. Anos mais tarde, seus descendentes reconheceriam nele justamente o prazer de observar, formular hipóteses e acompanhar o pensamento até uma conclusão possível.

André, que seguiria a mesma especialidade, descreve um médico atento ao encontro entre informação e pessoa. O exame não começa apenas num resultado de laboratório. Começa na história ouvida, no que se percebe ao olhar, nas perguntas feitas no momento certo. Esse modo de trabalhar não nasceu como herança que o filho recebeu pronta. Antes de poder transmiti-lo, Henrique precisou aprendê-lo.

O internato e a residência o levaram a Buenos Aires. No fim da década de 1960, ele já construía uma vida profissional e, com Lúcia, uma vida a dois. O menino que chegara da Espanha dependente das escolhas dos pais começava a tomar decisões com efeitos sobre outras pessoas.

É tentador olhar para o colégio apenas como preparação para um vestibular. Mas a lembrança da mãe na origem dessa experiência sugere algo maior. A educação dele foi uma conquista familiar antes de se tornar uma realização individual.

Muitos anos depois, quando os filhos falassem do que receberam do pai, a formação apareceria no centro. Ele financiou estudos, incentivou caminhos, cobrou esforço. O gesto da geração anterior reaparecia sob outra forma.

O menino havia entrado pela porta que a mãe ajudara a abrir. O adulto passaria a vida abrindo e, às vezes com rigor demais, empurrando outras pessoas através de portas semelhantes.

O ofício e a casa

Medicina, Lúcia e a vida com os filhos.



Henrique cercado pela família no consultório. A imagem reúne diferentes gerações e trajetórias.

Aprender a cuidar, aprender a ensinar

A CARREIRA DE Henrique não se estabeleceu de imediato em Rosario. Houve antes uma passagem por Santa Fe, ligada aos primeiros anos de uma escola médica na região do Litoral. Ele recorda um convite, um contrato de dois anos e o trabalho com as turmas daquele começo.

Foi nessa fase que nasceu Beatriz, a primeira filha. Na história da família, a cidade marca simultaneamente o início de uma experiência de ensino e o início da paternidade. Lúcia e Henrique construíam uma casa enquanto ele ajudava a construir sua vida profissional.

A proposta de ir para a universidade surgiu como uma oportunidade de se aproximar de um centro médico com outras possibilidades. Henrique situa a mudança em 1971. Eduardo, ao falar dessa escolha, considera que o pai soube perceber a oportunidade. O que se tornaria uma longa ligação com Rosario começou como uma decisão entre caminhos possíveis.

Na universidade, Henrique precisava tornar visível para os alunos o raciocínio que o levava a uma conclusão.

André guarda um exemplo desse método. Nas visitas à enfermaria, o pai ouvia o interno, depois o residente, depois o assistente. Só então reunia as informações e ajudava a conduzir o raciocínio. Quem ainda sabia menos tinha lugar para falar antes de ouvir a resposta de quem sabia mais.

O filho só compreendeu inteiramente o valor desse procedimento quando também passou a orientar outras pessoas. Não se tratava de uma ordem burocrática. Ouvir em sequência permitia enxergar o que cada um tinha observado, onde havia dúvida e como uma hipótese se formava. Era uma maneira de ensinar sem tornar o aprendiz invisível.

Helena conheceu Henrique primeiro nessa posição. Antes de ser seu sogro, ele foi seu professor de medicina. Ao recordar a formação, destaca as visitas à beira do leito. Havia algo que a aula teórica, sozinha, não poderia oferecer: acompanhar a passagem do conhecimento para uma pessoa concreta, com uma história que precisava ser ouvida.

O parentesco veio depois, com o casamento de Helena e Eduardo. O tratamento permaneceu. Ela continuou chamando-o de doutor Henrique, agora com a intimidade de quem podia reconhecer no mesmo homem o professor e um apoio familiar. O título não impedia o afeto; fazia parte da história entre os dois.

As gerações seguintes encontrariam outras maneiras de frequentar essa escola. Alice passou meses acompanhando consultas. Ali, o avô lhe ensinava a prestar atenção ao paciente e explicava o que observava. Clara também guarda experiências acompanhando o avô no hospital, já como estudante. A autoridade que elas conheciam desde pequenas assumia outra dimensão diante de alguém que procurava ajuda.

Nas fotografias da família, o consultório reúne essas relações. Henrique aparece no consultório, cercado por filhos e netos. Lucas também está presente, com seu próprio caminho ainda em aberto. A imagem não precisa prometer a mesma profissão para todos. Mostra um lugar em que a história familiar e o trabalho se encontraram.

Ao falar do que considera mais valioso na carreira, Henrique destaca a formação de médicos. Sua satisfação não se limita à produção clube da cidade. Está também em quem aprendeu a atender, investigar e decidir com responsabilidade.

Há reconhecimento formal nessa trajetória. Em 1999, tornou-se professor titular da universidade. Anos depois, em 2012, a faculdade de medicina o homenageou entre os docentes que se aposentavam. São marcos da carreira universitária, não o fim da clínica: ele continua trabalhando, e as netas continuam aprendendo com ele.

A maneira mais íntima de medir essa continuidade talvez esteja a poucos passos: na sala de André, ao lado da sua.



Henrique e André no consultório. Pai e filho compartilham a infectologia e a possibilidade de continuar aprendendo juntos.

Diante do que ainda não se sabe

EDUARDO CRESCER OU VINDO medicina à mesa. As histórias do trabalho entravam na conversa doméstica com a naturalidade das coisas que haviam ocupado o dia do pai. Havia curiosidade, raciocínio, perguntas. Havia também a inquietação provocada por uma doença nova.

O surgimento da Aids marcou a infância dele. Henrique estava envolvido no atendimento e no estudo daquele problema, e a família percebia suas angústias. Eduardo não descreve a profissão como algo que o pai trazia para casa apenas na forma de cansaço. Recorda o ânimo com que ele falava do que fazia, mesmo quando o assunto era difícil.

Essa combinação ajuda a compreender sua presença na infectologia. Trabalhar diante do desconhecido não significava estar livre de medo ou dúvida. Significava continuar procurando respostas e acompanhando pessoas enquanto o conhecimento ainda se transformava.

No começo dos anos 2000, Henrique estava na pesquisa clínica sobre HIV e Aids na universidade. A universidade se envolvia em estudos de tratamentos e na observação da evolução da doença. A trajetória contada pela família encontra aí uma dimensão pública: o médico das conversas domésticas participava de um esforço coletivo de assistência e investigação.

Esse trabalho não se fazia sozinho. Dependia de outros médicos, pesquisadores, profissionais de enfermagem e de diversas áreas, além das pessoas atendidas. O trabalho de cada integrante se encontrava no atendimento e na procura de respostas.

O trabalho em hospital-dia oferece um exemplo concreto. Henrique participou de um serviço que buscava oferecer aos pacientes de infectologia um acom-



Henrique em uma apresentação para profissionais da saúde.

panhamento multiprofissional mais individualizado. A equipe reuniu diferentes experiências e aprendeu com os atendimentos ao longo dos anos. A assistência se construía no trabalho de muitas pessoas.

Havia ali uma preocupação que ultrapassava a permanência dentro do hospital: como as pessoas viviam depois de sair

dali. O cuidado exigia continuidade. O êxito de um tratamento não tornava dispensável acompanhar quem precisava dele.

Em 2004, uma oficina de papel reciclado reunia pacientes com HIV. Henrique coordenava o projeto piloto e a Unidade de Pesquisa Clínica em Aids; a proposta da oficina havia sido concebida e executada por uma terapeuta ocupacional da equipe. O encontro entre atividade terapêutica, convivência e assistência mostra a variedade de trabalhos necessária para cuidar de alguém. A oficina acrescentava ao tratamento uma atividade com continuidade e convivência.

O consultório apresenta essa mesma atenção numa escala menor. André valoriza a capacidade do pai de escutar a história, observar o paciente e construir hipóteses. Às vezes, da sala ao lado, ele ouve risadas vindas da consulta de Henrique. Para o filho, esse som faz parte da medicina que admira: o encontro não se esgota no problema que levou a pessoa até ali.

Se surge uma dúvida, André pode abrir a porta e pedir ajuda. Não deixou de ser médico por poder chamar o pai. Ao contrário, sabe o valor de ter por perto alguém com quem pensar. A experiência compartilhada continua a crescer.

“Pai, vem ver um caso aqui, me ajuda.”

O pedido, lembrado por André, é simples. Dentro dele cabem décadas de formação e confiança. O menino que acompanhava o pai ao hospital tornou-se um colega capaz de reconhecer aquilo que ainda pode aprender.

Uma das primeiras lembranças desse ambiente é uma luva cheia de ar. André era pequeno, estava num hospital e alguém lhe ofereceu a luva inflada. O objeto, feito de algo tão comum à prática médica, ficou associado à entrada naquele mundo. O hospital podia assustar; podia também conter um gesto de acolhimento.

Mais tarde, uma cena na estrada tornaria a escolha profissional explícita. A família seguia para Mar de las Pampas quando encontrou um acidente no litoral argentino. André era adolescente. Henrique parou para ajudar e, com a participação de um caminhoneiro, prestou auxílio às pessoas envolvidas.

André não afirma lembrar com exatidão cada movimento daquela ocorrência. A certeza que conserva é outra: naquele dia resolveu fazer medicina. Ver o pai agir tornou concreta uma possibilidade que até então ele conhecia por conversas, visitas e observação.

André guardou o que testemunhou e a decisão que tomou a partir dali. A disposição de parar foi suficiente para permanecer como um acontecimento fundador em sua memória.

A medicina de Henrique também o levou para a gestão pública. Entre 1993 e 1996, participou da gestão municipal de saúde. Ele recorda ter hesitado diante do convite e, depois, aprendido a reunir pessoas capazes de fazer certas coisas melhor do que ele próprio.

Era uma exigência diferente da consulta. Numa equipe, conhecer os limites da própria competência também faz parte do trabalho. Escolher bem com quem contar pode ser tão decisivo quanto saber responder.

Na família, esse longo percurso se traduz numa expressão recorrente de André: o pai é seu porto seguro. Não porque elimine todas as dificuldades, mas porque permanece alguém a quem recorrer diante delas.

Lúcia, no centro da vida

BEATRIZ FAZ QUESTÃO de interromper qualquer versão da história em que o pai apareça sozinho. Ao falar dele, pede que se fale também de Lúcia.

A lembrança da filha não é a de uma presença decorativa ao lado de uma carreira. É a de uma mulher que participou da construção daquela vida, organizou a família, acolheu pessoas e manteve sua própria personalidade numa relação entre dois temperamentos fortes.

Segundo Beatriz, o vínculo dos pais começou antes da faculdade de Henrique. Ele situa o casamento em 1969, durante a residência. A vida comum acompanhou os primeiros passos profissionais, a passagem por Santa Fe, o nascimento da filha e a mudança para Rosario. Depois vieram André e Eduardo.

Lúcia aparece tanto nas grandes decisões quanto no trabalho repetido que faz uma casa funcionar. Os filhos cresceram dentro dos efeitos desse cuidado.

André também a recorda como professora da faculdade. A informação amplia o retrato: Lúcia tinha trabalho e vida para além do lugar de esposa e mãe. Os filhos associam essa atividade a uma mulher que também tinha interesses e responsabilidades fora da casa.

Para Helena, que tinha sua família de origem longe de Rosario, o acolhimento dos sogros teve uma importância concreta. Ela sabia que podia contar com eles e ressalta especialmente a sogra. Em suas lembranças, Lúcia aparece no cuidado com Lucas, nas visitas e nos gestos que transformam parentesco em amparo.

Uma sopa levada quando o neto estava gripado diz algo que a palavra “generosidade”, sozinha, não consegue mostrar. Alguém percebeu uma necessidade, preparou alguma coisa e esteve presente. O cuidado entrou na casa por uma ação pequena, sem precisar anunciar a própria importância.

As netas conservaram outra coleção de cenas: dormir na casa dos avós, ser recebidas, conversar, rezar com a avó, viajar. Na praia, os dois organizavam as temporadas que se tornariam parte da infância das meninas. Henrique está nas brincadeiras, no mar e nas histórias; Lúcia participa da estrutura afetiva dessas lembranças, das refeições e da presença que tornava possível ficar.

Beatriz reconhece a admiração que existia entre os pais. Reconhece também os atritos. Eram pessoas de personalidade forte, que não concordavam em tudo. Uma vida compartilhada por décadas não se torna menos valiosa quando se admite que houve diferenças. Torna-se mais próxima daquilo que os filhos efetivamente viveram.

O próprio Henrique acrescenta à história uma observação difícil. Quando pensa em arrependimentos, reconhece ter dedicado energia a outras atividades e deixado a família, em certos momentos, em segundo plano. Ao falar de Lúcia, considera que talvez não a tenha ajudado a realizar todos os sonhos dela.

A realização de Henrique podia conviver com oportunidades que Lúcia não teve. Sua gratidão também incluía reconhecer o custo das escolhas feitas ao longo da relação.

A morte de Lúcia foi súbita e atingiu profundamente a família. Eduardo recorda a dureza de ter participado daquele momento e de tentarem ajudar. Para os filhos médicos, o conhecimento não os protegia da experiência de perder a mãe. A experiência ficou entre as recordações mais difíceis de todos.

Em Henrique, a ausência também alterou a medida da casa. Os espaços que antes pertenciam a uma rotina compartilhada passaram a parecer grandes demais. Mas esse é um capítulo posterior. Lúcia merece permanecer, antes dele, em sua



Henrique e Beatriz. Pai e filha numa fotografia da família.

vida: a professora, a mãe, a avó, a mulher de personalidade forte, aquela que acolheu uma nora e apareceu com uma sopa, aquela cujos próprios sonhos o marido passou a olhar com mais atenção.

É essa presença que Beatriz pede para preservar. A história de Henrique se torna mais verdadeira quando a escuta.

O pai que chegava pelo portão

O BARULHO DO portão anunciava Henrique antes que ele entrasse em casa. Eduardo se lembra dos três irmãos diante da televisão, cada um procurando um rumo quando percebiam a chegada do pai. Como caçula, observava Beatriz e André e tratava de acompanhá-los.

Esse pai cobrava. Esperava esforço, comportamento, responsabilidade. A presença dele reorganizava a casa.

Eduardo conta a cena com humor, mas não esconde o rigor. Ser o mais novo lhe dava uma posição de observador: via os erros dos irmãos e suas consequências antes de tomar as próprias decisões. Aprendia tanto com o que o pai dizia quanto com o que acontecia aos outros dois.

Beatriz, a mais velha, teve de negociar seu caminho sem esse ensaio anterior. O pai queria vê-la médica. Ela começou por agronomia e depois escolheu odontologia. A procura envolveu atritos, expectativas diferentes e a necessidade de construir uma profissão que fosse sua.

Ao falar do pai, Bia não elimina a palavra “bravo”. Ela a coloca perto de outras: inteligente, vibrante, generoso. A proximidade entre elas é importante. A generosidade não fazia desaparecer a exigência; a exigência não esgotava o homem.

Na chegada em casa também podia haver uma proposta de jantar fora. Beatriz se lembra de sextas-feiras em que o pai queria gastar com a família o que havia ganhado naquele dia, num bom restaurante escolhido com os filhos. O mesmo homem que cobrava esforço gostava de partilhar o prazer de tê-lo feito.

As lembranças dão ao dinheiro sentidos diferentes. Ele podia ser guardado, motivo de brincadeiras sobre economia; podia pagar formação, abrir possibilidades e reunir pessoas à mesa. Os filhos reconhecem como parte decisiva do que re-

ceberam a oportunidade de estudar e de se organizar para a própria vida.

Esse apoio continuou quando a vida adulta não saiu como planejado. Beatriz relata que, ao se separar com duas filhas pequenas, contou com o pai para reorganizar sua estrutura familiar. O que recorda é a possibilidade de recomeçar sem estar sozinha.

Ela também encontra Henrique no trabalho bem-feito. Ao observá-lo atendendo, reconhece a disposição de estar ali para uma pessoa e fazer o que for possível. Esse é um lugar em que o afeto entre filha e pai se encontra com a admiração pelo profissional.

André teve outra aproximação com a medicina. Desde menino, queria acompanhar o pai nas passagens pelo hospital. Em viagens ou compromissos da família, quando Henrique precisava fazer uma visita, ele se interessava por descer e entrar. A escolha da infectologia faria dessa proximidade uma convivência profissional duradoura.

Não deixou de haver esforço. André atribui ao pai uma participação importante na insistência para concluir seu doutorado e na revisão do trabalho. Recorda a defesa realizada a partir da casa dos pais, durante o começo da pandemia, com Lúcia ainda viva. A casa da família recebia também uma realização clube da cidade.

Eduardo escolheu a urologia. Ao procurar um momento especialmente feliz, lembra sua aprovação na residência de cirurgia geral da universidade. Era uma conquista própria, que também sabia capaz de alegrar o pai.

Mas o caçula não faz uma descrição sem crítica. Diz que Henrique podia ser teimoso e ter dificuldade para admitir um erro ou mudar uma decisão. Às vezes, alterar o rumo parecia significar fraqueza. Eduardo reconhece essa rigidez e percebe que ela se abrandou com o tempo, especialmente depois da chegada dos netos.

O próprio filho nota em si algumas heranças menos confortáveis. Arrumar o porta-malas antes de uma viagem pode deixá-lo nervoso. Uma mala atravessada, fora do encaixe desejado, é suficiente para fazê-lo reconhecer o pai em seus gestos. Precisa se conter para que a organização não estrague o começo do passeio.

Também houve ocasiões em que Henrique era o aprendiz. Eduardo recorda aulas de natação ao lado do pai e, depois, experiências com o tênis. O homem tão

seguro diante de outros problemas precisava lidar com braçadas difíceis e bolas mal rebatidas. No tênis, irritava-se com o próprio erro e podia carregar a frustração de uma jogada para as seguintes.

O filho se diverte com essas cenas porque elas abrem uma brecha na autoridade. O pai tentava, errava, insistia. Estava junto mesmo quando não fazia aquilo particularmente bem.

Ao terminar de contar, Eduardo chega a uma mensagem curta. Depois de tantos episódios, não precisa organizar um elogio grandioso.

“Acho que a mensagem é que nada passou despercebido. E fico agradecido.”

O portão, os estudos, a viagem, a cobrança, a presença: nada passou inteiramente despercebido. A gratidão que chega depois sabe mais coisas do que a obediência da infância.



Henrique com os três filhos, no consultório. Da convivência familiar nasceram trajetórias próprias na odontologia e na medicina.

As casas da memória

Mar de las Pampas, Espanha e o mundo dos netos.



A casa de Mar de las Pampas, nas lembranças da família.

A estrada de Mar de las Pampas

ANTES DE SER o lugar das férias, a casa de Mar de las Pampas foi uma obra. Eduardo se lembra das descidas ao litoral com o carro carregado de material de construção e com a família inteira. Às vezes, o avô carpinteiro também ia. A praia já era uma promessa de prazer, mas havia trabalho a fazer antes de simplesmente ficar.

Henrique liga a compra do terreno a um acerto recebido ao terminar um período de colaboração com a faculdade de medicina em Rafaela. O dinheiro inesperado ganhou outro destino: uma casa no litoral. Nas lembranças dos filhos, essa construção pertence ao começo dos anos 1980. As datas exatas variam; a experiência coletiva é nítida.

Levavam materiais, acompanhavam a obra, davam opiniões e aproveitavam a praia. A história da carpintaria, que parecia ter ficado distante com a escolha da medicina, voltava à vida familiar por meio do avô. Os saberes de uma geração ainda tinham lugar no projeto da seguinte.

Beatriz recorda uma casa simples, sem a disponibilidade de telefone e televisão que depois se tornaria comum. O tempo ali precisava ser preenchido com as pessoas que estavam presentes. Se chovia, a família permanecia.

Eduardo guarda um convite recorrente do pai: tirar os sapatos, vestir um short e sair na chuva. Diz que conservou esse gosto. Entre as muitas coisas transmitidas numa família, algumas não precisam de explicação. Continuam no corpo que, anos depois, ainda aceita se molhar.

Havia, porém, uma atividade da qual os filhos procuravam escapar. Henrique se instalava na rede com uma antologia de poesia galega e chamava o primeiro que encontrava para ouvir. A leitura tinha um público involuntário. Quando o livro e a rede entravam em cena, aumentava a vontade de estar em outro lugar.

Eduardo brinca que o pai terminou a casa, mas não terminou o poema. É uma versão doméstica que Henrique certamente teria como contestar: ele conta ter lido a obra três vezes. A graça está justamente na diferença entre quem lia e quem era convocado a escutar.

O poema apresentado pelo avô atravessava assim mais uma geração, ainda que nem sempre encontrasse entusiasmo imediato. O próprio Henrique também não havia se apaixonado na primeira leitura. Considerou o texto difícil, precisou insistir e, mais tarde, encontrou numa edição explicada uma maneira de compreendê-lo melhor.

A casa de praia guardava outras formas de encontro. André lembra pegar ondas com Henrique no fim da tarde. Os irmãos construíram ali uma coleção de temporadas, amigos e viagens que não se resume à obra ou à paisagem. Cada retorno acrescentava alguma coisa ao lugar.

Quando vieram as netas, Mar de las Pampas ganhou novos sons e outro tamanho. Na semana das crianças, os avós levavam as quatro meninas ao litoral. A viagem começava dentro do carro, com conversa, música e a quantidade de coisas que uma família precisa transportar para passar alguns dias fora.

Sofia associa uma dessas épocas a uma música que tocava no caminho. Clara se lembra do carro cheio e da cantoria. A estrada não era apenas intervalo entre duas casas. Fazia parte do tempo em que todos ficavam juntos.

Na praia, o avô podia ser surpreendido com água. Na volta, havia areia nos pés e o cheiro de churrasco que Clara ainda associa àquelas férias. O problema da



Henrique e netas em uma viagem de família.

areia acabou ganhando uma solução prática: um chuveirinho para limpar os pés. Uma pequena adaptação da casa passou a carregar a memória das crianças que a usavam.

Elisa se recorda de ir com a irmã nos ombros do avô para uma parte do mar que lhes parecia muito distante. Para elas, era quase uma expedição. Para ele, a

água ainda permitia ficar de pé. A diferença de tamanho entre adulto e criança produzia também uma diferença de aventura.

Em dias chuvosos, havia jogos na sala. O xadrez precisava ser ensinado de novo porque as meninas esqueciam entre uma temporada e outra. O avô recomeçava a explicação. Ensinar nem sempre se parece com uma linha que avança; às vezes é voltar ao começo para que a companhia possa continuar.

Clara guarda cheiros e brincadeiras. Elisa guarda o mar visto do alto. São descrições do mesmo lugar que não poderiam substituir umas às outras.

Para o primo Miguel Azevedo e para Augusto, vindos da Espanha, Mar de las Pampas também se tornou uma experiência de acolhimento. A família que um dia se separara pelo oceano podia agora se reunir do lado argentino. A casa era capaz de receber outras versões da mesma história.

Curiosamente, quando perguntado sobre seu refúgio mais íntimo, Henrique escolhe a casa espanhola do avô. Para os filhos e netos, a praia ocupa uma posição que talvez ele próprio não lhe dê da mesma maneira. Essa diferença revela o que uma casa pode fazer: tornar-se mais importante na memória de quem foi recebido do que seu dono chegou a perceber.

Espanha, outra vez

O SOTAQUE COSTUMA ser a primeira mudança que a família percebe. Henrique chega à Espanha, encontra os parentes e sua fala se aproxima do lugar. Os filhos comentam isso com humor; as netas reconhecem a alegria de vê-lo ali.

O primo Miguel Azevedo propõe uma nuance. Não considera que ele esteja representando um papel de espanhol. Vê autenticidade dos dois lados do oceano. A mudança de entonação acompanha uma convivência que continua existindo, mesmo quando passa longos períodos à distância.

Eduardo se reconhece nessa ligação sem hesitar ao dizer que é argentino. As duas coisas cabem na mesma resposta. Lembra que o pai providenciou a cidadania espanhola dos filhos quando eles ainda não compreendiam plenamente o que ela significaria. Muito antes de a Espanha se tornar um destino frequente nas conversas de outras pessoas, já havia ali primos, tios e avós para visitar.

As viagens tinham a geografia das relações. Lugo e a região da família não eram apenas pontos interessantes num roteiro. Eram lugares onde alguém os esperava e onde Henrique podia mostrar o que existia antes da vida que os filhos conheciam na Argentina.

Ele mostrava a casa, a aldeia, o lugar de colher frutas. Clara recorda o avô pegando mexericas e contando histórias. Sofia percebeu a emoção com que apresentava a casa de infância e o jardim. As netas ouviam sobre um menino; diante daqueles lugares, conseguiam aproximá-lo do homem que caminhava com elas.

Lucas também participou desses retornos. Uma fotografia conserva o avô e o neto juntos, entre a casa e a vegetação da região onde Henrique cresceu.

Augusto, por sua vez, descreve a satisfação do sobrinho ao provar o vinho que ele produzia. Podiam existir rótulos mais conhecidos. Henrique se interessava por aquele vinho, feito por alguém da família.

O gosto vinha acompanhado de uma relação.

O tio também lembra refeições e pratos da região, como a chanfana. As visitas passavam por mesas, conversas e a hospitalidade que se devolve. Quando viajou à Argentina, Augusto se preocupou em não dar trabalho. Henrique o acolheu em casa, deixou-o à vontade e ofereceu recursos para que aproveitasse a estadia.



Henrique numa viagem, com uma taça de vinho.

“O meu hotel é em casa do Henrique”, resume Augusto, repetindo a ideia com a segurança de quem sabe que pode chegar.

Com as netas, a Espanha também incluiu desvios dos caminhos preferidos de Henrique. Elisa lembra uma viagem à Sierra Nevada em que esperavam neve e encontraram gelo. As meninas caíam, se divertiam, e ele ficava preocupado. O avô que preferia estar perto da família em Lugo e em A Coruña havia ido à serra para acompanhá-las.

Clara guarda a lembrança da primeira neve de sua vida. Escolheu dormir no quarto dos avós e, ao acordar com eles, viu neve pela janela. Também recorda uma viagem em que Henrique preparou conjuntos semelhantes de gorros, luvas e cachecóis para as primas. Não bastava levá-las; ele pensava no que precisariam usar.

O canto tradicional galego oferece a Henrique mais um modo de regressar. Ele se lembra de familiares que cantavam, de uma tia cuja voz admirava e do gosto que conservou por essa música. Entre suas preferências, menciona uma antiga cantiga galega. Os filhos também associam a casa à voz de uma cantora da região.

Helena conta que Lúcia reconhecia um dia mais introspectivo quando ele acordava ouvindo canto tradicional galego. A música era uma pista familiar, percebida por quem conhecia seu modo de estar.

Espanha podia estar num disco, numa conversa com Augusto, numa mesa de vinho, no sotaque ou no jardim mostrado aos netos. Podia também ser um plano ainda por realizar: passar uma temporada mais longa em Lugo, sem a pressa de uma visita curta.

Depois de tantas idas e vindas, o país não havia se tornado apenas passado. Continuava a oferecer uma possibilidade de futuro.



Um fim de tarde no cais, na Espanha.



Henrique e Lucas na Espanha. As viagens aproximam o neto da história e dos afetos do avô.

O que os netos sabem

HÁ PELO MENOS quatro candidatas ao posto de neta preferida. Quando Henrique fica sabendo da disputa, não demonstra surpresa. Admite dizer a mesma coisa a todas e se diverte com o resultado.

“Pior que elas acreditam, né?”

Clara, Alice, Elisa e Sofia têm razões próprias para sustentar suas posições. Cada uma conhece um avô que viveu situações especiais com ela. A brincadeira funciona porque a atenção recebida parece particular, mesmo quando o repertório do avô se repete.

Clara, a mais velha, é também afilhada. Sua história com ele tem viagens, aniversários, aprendizado no hospital e noites passadas na casa dos avós. Aos quinze anos, recebeu uma viagem a Vancouver. O plano inicial era ir apenas com os dois; o grupo acabou incluindo o pai e a irmã. Ela se lembra de caminhar muito, de passear e de rir. A cidade ficou ligada à experiência de estar com eles.

A vida mais recente também ofereceu passeios que saíram do previsto. Numa visita à sede do clube, Henrique e as netas esperavam uma palestra sobre espiritualidade. Encontraram uma atividade com dança, jogos de espelho e abraços entre participantes.

Ele entrou na proposta. As meninas riram com o avô que se permitia fazer algo diferente do esperado. Depois, foram comer sopa. Clara e Sofia contam esse episódio como uma lembrança compartilhada: o que o tornou especial foi a surpresa vivida juntos.

Alice conhece tanto a brincadeira quanto a parte irritante dela. Quando caía, às vezes recebia do avô palmas e um comentário de “bem feito”. Na infância, aquilo a aborrecia. Ao contar, ri. O passar do tempo mudou sua relação com

a cena, sem precisar afirmar que ela sempre achou graça.

Também associa Henrique ao cheiro de jornal, às casas da família e à experiência de acompanhá-lo atendendo. Passou três meses observando consultas, com o privilégio de fazer perguntas ao avô enquanto se aproximava da profissão. O conhecimento que ela admirava à distância ganhou procedimentos, atenção e raciocínio.

Elisa, sua irmã gêmea, conserva o avô do mar, do xadrez e das viagens. Repara nos lugares e na maneira como ele se modifica na companhia dos netos. Suas lembranças combinam diversão e cuidado: o adulto que acompanha uma aventura também se preocupa com as quedas no gelo.

Sofia fala do avô que ligava antes do vestibular para desejar sorte e depois para saber como havia sido. Não se tratava apenas de comemorar a aprovação quando tudo estivesse resolvido. Ele aparecia no intervalo incerto, quando ainda havia prova a fazer e resultado a esperar.

Ela também nota o humor sem filtro, os comentários que ele próprio acha engraçados. Reconhece a ternura e a falta de cerimônia no mesmo homem. As quatro meninas têm um avô de convívio, com hábitos e frases que não foram preparados para uma homenagem.

Quando estas histórias foram contadas, as quatro estudavam medicina. A coincidência desperta orgulho na família, mas cada uma está atravessando o curso por conta própria.

Lucas, o neto mais novo, aponta para outra direção. Gosta de exatas e considera a engenharia. Henrique reconhece esse interesse e diz que evita dar muitos palpites, deixando espaço para a orientação dos pais e de outras



Uma noite de convivência no sofá. A fotografia conserva a inscrição familiar sobre dormir na casa do vovô.

peças da família. A possibilidade de um futuro diferente também faz parte do que ele pode oferecer.

Com o avô, Lucas guarda passeios na chácara. Colhiam frutas, viam as ameixas, davam milho às galinhas e conversavam pelo caminho. Ele associa essa companhia à atenção à natureza e às histórias sobre amizades antigas na Espanha.

A convivência mostra ao neto que os amigos não pertencem apenas ao tempo em que foram feitos. Precisam continuar sendo procurados, lembrados, recebidos. Henrique mantém laços que começaram muito antes de Lucas nascer, e o menino pode vê-los ainda em movimento.

As reuniões da família não suspendem as diferenças. Alice torce pelo Unión del Parque, por influência do pai, e brinca com o avô, torcedor do Atlético del Litoral. A rivalidade cabe no afeto.

Nas fotografias, eles aparecem no consultório, no sofá, em restaurantes e em viagens. Há uma noite no sofá, encontros no consultório, viagens e mãos erguidas durante uma brincadeira. A coleção dispensa a obrigação de que toda imagem seja uma ocasião extraordinária.

Uma das coisas que os netos sabem, afinal, é como ele ocupa um dia comum. Sabem o que prefere comer, como ri, que comentário pode fazer e a quem gosta de telefonar. Essa intimidade não cabe num currículo. É uma forma de conhecimento construída por repetição.

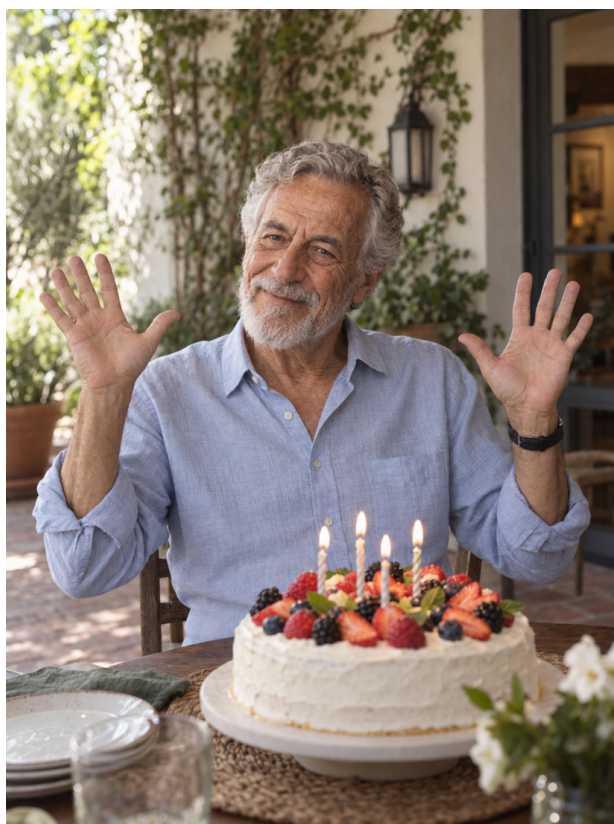
E é por isso que todos têm argumentos para se considerar especiais. O avô repetiu a frase; a vida compartilhada deu a cada um uma lembrança que era só sua.



Henrique com as quatro netas no consultório. Naquela época, todas cursavam medicina.

Ainda há amanhã

A ausência, o recomeço e os dias comuns.



Henrique em uma celebração familiar, num gesto que a família guardou.

Quando a casa mudou de tamanho

DEPOIS DA MORTE de Lúcia, a casa pareceu grande demais. Henrique descreve a vida que restara ali como se coubesse em poucos pontos: meia cama, a sala de televisão, o escritório.

A planta da casa não havia mudado. O modo de habitá-la, sim. Quem o conhecia como um homem capaz de orientar e decidir viu também sua vulnerabilidade. Clara conta que a família passou um período muito próxima, dormindo na casa do avô. Às vezes, ia ao quarto verificar se ele estava bem. Foi nessa época que o viu chorar, uma imagem pouco habitual em suas lembranças.

Elisa se recorda da família reunida em silêncio. Alice lembra os jantares preparados pela mãe para ele. São gestos diferentes de aproximação, sem a pretensão de encontrar uma frase capaz de resolver a perda.

Durante anos, Henrique e Lúcia haviam cuidado dos filhos e dos netos. Agora, os mais novos procuravam modos de permanecer por perto. A relação não se invertia por completo; acrescentava uma possibilidade. Quem sempre oferecera apoio também podia recebê-lo.

Para os filhos, perder Lúcia significou lidar com a ausência da mãe e acompanhar o pai diante dela. Eduardo fala da dureza daquele momento sem disfarçar a emoção. Beatriz procura reconhecer o que a mãe havia sustentado na família e o impacto que sua morte teve sobre todos.

Henrique, ao olhar para trás, não encontra apenas realizações. Encontra o tempo que gostaria de ter distribuído de outra maneira. A reflexão sobre os sonhos de Lúcia pertence a essa capacidade de rever a própria história sem exigir que tudo nela tenha sido justo ou suficiente.



Henrique e netas em um encontro familiar.

Nada disso pode ser corrigido por uma explicação tardia. Mas pode modificar a atenção dedicada ao tempo que resta. Essa percepção aparece junto da decisão de voltar a viver de modo mais amplo.

Após um período sozinho, Henrique resolveu reorganizar a vida. A expressão que usa tem humor: “Sob nova direção.” Não é um decreto de felicidade instantâ-

nea. É a maneira que encontrou de contar que não queria continuar limitado àqueles poucos espaços de uma casa grande.

Um novo relacionamento entrou nessa etapa. A família fala da companhia e do bem que faz tê-la. O primo Miguel Azevedo oferece uma formulação cuidadosa: ninguém substitui ninguém; os amores são diferentes. A presença nova não precisa competir com a memória de Lúcia para ter valor.

O médico também voltou a falar em sonhos. Gostaria de passar uma temporada na Espanha, especialmente em Lugo. Teresa, sua companheira, gosta de viajar, e os planos puderam ser partilhados. Por ora, são projetos, não viagens já realizadas. O futuro reaparece primeiro como conversa.

Helena percebe mudanças até à mesa. Durante muito tempo, associava o sogro a uma recusa firme de certas preparações com creme e de risoto. Depois, viu-o comê-las. O detalhe a obriga a rever uma certeza doméstica: ele também muda.

O episódio tem a graça das transformações observadas de perto. A família não percebe a passagem do tempo apenas nas grandes decisões. Percebe também quando a pessoa já não corresponde à lista de preferências que todos repetiam.

As netas continuam frequentando sua vida. Os amigos mantêm os encontros. O consultório segue como um lugar de trabalho e de troca. Henrique fala da satisfação de ver filhos e netos bem, de recuperar a possibilidade de ser feliz e de retomar vontades que ficaram para depois.

O homem que voltou a olhar para Lugo não deixou de trazer Lúcia consigo na memória. Aprendeu a fazer planos numa vida em que ela já não estava fisi-

camente presente.

E a casa, aos poucos, deixou de ser a única medida do que ainda podia viver.

Os dias que continuam

NA QUINTA-FEIRA, há a perspectiva do encontro com os amigos. Clara conhece a rotina do avô no restaurante do clube: a mesa, a companhia, o vinho. Eduardo e Helena também reconhecem esse compromisso duradouro.

O clube, que em outros tempos tinha sido tão importante para a vida social dos filhos, tornou-se cada vez mais um lugar dele. Eduardo percebe a mudança. Na juventude, frequentava a sede do clube continuamente e fez ali amizades que conservou. Agora, em certas fases, é o pai quem vai mais.

Para Eduardo, que não compartilha na mesma medida o entusiasmo pelo vinho, a bebida tem valor sobretudo pela ocasião. Gosta do lugar e das pessoas com quem se abre uma garrafa. Essa observação também descreve algo do prazer do pai: o encontro existe para além do rótulo.

O Atlético del Litoral atravessa essa rotina há muito mais tempo. Henrique recorda ter ido ao campo ainda estudante do colégio. A relação com o clube passou aos passeios com os filhos, às partidas noturnas, ao sorvete, à pipoca e ao caminho percorrido a pé até o estádio.

Eduardo lembra que o pai saía do consultório e ia ao jogo com a roupa de trabalho. André, menor, às vezes adormecia durante as partidas mais tardias. Mesmo dormindo em parte delas, continuou levando consigo a memória de ter ido.

O humor dos filhos inclui as derrotas compartilhadas. Houve muitas noites em que a experiência valia mais pela companhia do que pelo resultado. O pertencimento a um clube, como a outros lugares de afeto, resiste a uma contabilidade simples de alegrias.

Quando falam sobre ver o Atlético del Litoral campeão, existe uma conquista recente por trás da emoção: o título do campeonato regional de 2025. A família acrescenta ao re-

sultado uma duração que a tabela não mostra: a espera de quem atravessou anos torcendo junto.

Há essa alegria coletiva e há prazeres mais reservados: ouvir canto tradicional galego, ler, conversar, voltar à Espanha. Henrique não os descreve como uma lista de coisas concluídas. Ainda pensa no que gostaria de fazer.

Ao recordar a antologia de poesia galega, conta a transformação de sua leitura. Primeiro houve dificuldade. Depois, outra aproximação. Uma edição explicada o ajudou a se apaixonar pelos poemas. A lembrança de ler à sombra de uma árvore na sede do clube mostra como o livro espanhol se instalou também na paisagem argentina de sua vida.

O presente do avô continuou mudando depois de recebido. Não era necessário compreender tudo de início. O tempo também faz parte daquilo que um leitor traz a um livro.

Beatriz, perguntada sobre o que gostaria de reviver, não precisa escolher um acontecimento espetacular. Diz gostar dos dias comuns. Imagina a presença do pai na rotina, na felicidade de trabalhar e de estar com as pessoas.

Esse desejo ajuda a dimensionar o que a família pede ao fazer uma homenagem. Preservar a história não significa encerrá-la. Significa prestar atenção enquanto ainda é possível telefonar, fazer uma visita, sentar à mesa e escutar mais uma vez algo que talvez já tenha sido contado.



Henrique e a família em uma celebração.

Helena sente isso ao gravar sua mensagem. A situação ameaça adquirir um tom de despedida, e ela resiste. Prefere convidá-lo para aparecer mais. Acrescenta um pedido bem concreto: está sem vinho da Galícia; ele pode levar uma garrafa.

A frase devolve o futuro à escala de um encontro. Não é necessário planejar décadas para ter alguma coisa à frente. Às vezes, basta uma próxima visita.

Henrique fala dos filhos, das netas, do neto, do que aprendeu e do que ainda deseja. Aceita rir da preferência distribuída igualmente entre as meninas. Fala de felicidade sem excluir o que perdeu. A conversa termina, mas o dia dele não termina com ela.

“Agora eu vou trabalhar.”

Para quem vem depois

HENRIQUE RECEBEU DOS pais a possibilidade de estudar, do avô um livro e uma lição sobre o tempo. Com Lúcia, construiu uma família. Ao recordá-la, reconhece o trabalho, os desejos e as escolhas dela nessa vida compartilhada.

Depois vieram outras pessoas. Alunos que aprenderam a olhar um paciente. Filhos que procuraram profissões próprias. Netas que quiseram conhecer seu trabalho. Um neto que pode gostar de exatas e, ainda assim, carregar o avô nas conversas e nos passeios. Familiares espanhóis que continuaram encontrando casa do lado argentino.

A continuidade não exige cópias. Beatriz não precisou se tornar médica para receber algo importante do pai. Eduardo pode reconhecer a teimosia herdada e tentar fazer diferente. Lucas pode escolher outro ofício. Os alunos podem levar adiante um modo de escutar sem repetir todas as opiniões de quem lhes ensinou.

Talvez seja essa a parte mais generosa de plantar: não controlar tudo o que crescerá.

A fotografia da família no consultório reúne essas vidas. Nas lembranças de cada um, surgem o trabalho, as cobranças, as brincadeiras e os encontros que deram sentido àquela proximidade.

Para Augusto, ele continua sendo também o menino que partiu. Para André, está na porta ao lado. Para Bia, cabe num dia comum que valeria a pena reviver. Para as netas, é o homem que faz cada uma acreditar que ocupa um lugar único. Para si próprio, ainda é alguém capaz de sonhar com Lugo.

Os pinheiros do avô levavam décadas para crescer. A história que Henrique deixa nas pessoas também tem seu próprio tempo.

Uma vida no tempo

- 1942 O começo na Espanha.** Henrique nasce numa região rural próxima de Lugo, entre parentes, terra, água e trabalho manual.
- Fim de 1950 e início dos anos 1950 A travessia.** Aos oito anos, deixa a Espanha, passa por Vigo e viaja de navio durante dezoito dias. A família se estabelece em Rosario; o colégio marca seus anos escolares.
- 1962 Medicina em Córdoba.** Ingressa na faculdade de medicina. Os estudos e a experiência clínica orientam a escolha da infectologia.
- Fim dos anos 1960 Formação e casamento.** Depois da graduação, faz residência em Buenos Aires. Em 1969, casa-se com Lúcia.
- Antes de 1971 Santa Fe.** Cerca de dois anos de ensino médico, no tempo em que nasce Beatriz, a primeira filha.
- 1971 Universidade e Rosario.** Henrique muda-se para a universidade, onde construirá a carreira de professor e pesquisador.
- Começo dos anos 1980 Mar de las Pampas.** A família participa da construção da casa de praia, que se tornará lugar de encontro por décadas.
- 1993 a 1996 Saúde pública.** Participa da gestão municipal de saúde e aprende a reunir profissionais de diferentes áreas.
- 1999 Professor titular.** Assume o cargo após anos de ensino, pesquisa e assistência.
- 2002 a 2018 Pesquisa e assistência.** Anos de pesquisa sobre HIV e Aids, de iniciativas terapêuticas, atendimento em hospital-dia e trabalho em equipe.

2012 Aposentadoria universitária. É homenageado pela faculdade entre os docentes que se aposentam. O consultório continua.

2025 A alegria do Atlético del Litoral. O clube conquista o campeonato regional, e a celebração se soma a décadas de torcida em família.

Aos 83 anos **Continuidade.** Henrique fala do consultório, dos amigos, dos netos e do desejo de passar uma temporada em Lugo.

As vozes da família

Henrique e Lúcia estão no centro desta família. A presença de Lúcia chega pelas lembranças de quem conviveu com ela.

Beatriz, ou Bia, a filha mais velha, seguiu a odontologia. É mãe das gêmeas Alice e Elisa. Suas lembranças guardam a força de Lúcia, as diferenças entre pai e filha e o apoio recebido ao reorganizar a própria vida.

André, o filho do meio, tornou-se infectologista. É pai de Clara e Sofia. Sua memória reúne a infância perto do hospital, a decisão de estudar medicina e a proximidade profissional com o pai.

Eduardo, o caçula, é urologista. Sua esposa, Helena, conheceu Henrique como professor antes de tê-lo como sogro. Os dois são pais de Lucas. Suas vozes acrescentam humor, gratidão, acolhimento e a experiência de acompanhar mudanças ao longo dos anos.

Clara, Alice, Elisa e Sofia cursavam medicina no período relatado. Lucas considerava a engenharia. Assim eram os estudos e os planos de cada um quando estas histórias foram contadas.

Augusto Azevedo, tio materno de Henrique e quase da mesma idade, conserva lembranças da infância espanhola e da despedida. Seu filho, Miguel Azevedo, é primo de Henrique e testemunha dos reencontros entre Espanha e Argentina.

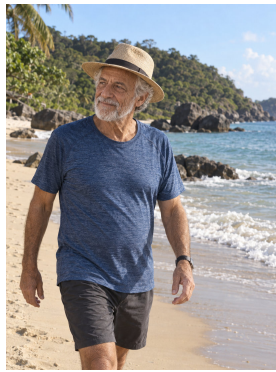
Álbum de família

Fotografias de Henrique e das pessoas que fazem parte de sua história.













ESTA EDIÇÃO

Doutor Henrique

Doutor Henrique: uma vida dedicada à medicina e à família. Edição demonstrativa, setembro de 2026.

Adaptação de uma biografia criada com a Qamani a partir de uma História real. Personagens fictícios e imagens geradas por IA.

Diálogos adaptados. Tipografia Charis SIL. Formato 18 × 25 cm.

A todas as pessoas que contaram, conservaram e compartilharam estas memórias.

